

Mulheres face ao actual Momento Político

Num momento em que mulheres têm sido utilizadas nos meios de comunicação social para prepararem o voto de mulheres nas eleições próximas, nós, às mulheres que vamos utilizar esse voto, achamos que tudo o que foi dito não chega.

Tem-se falado na luta pela igualdade dos sexos, em reivindicações várias, acomodaticias.

Voltamos a dizer: não chega!

E não chega porque serve apenas para nos adaptar a uma sociedade doente... não chega! Adaptar é aceitar algo que à partida não serve. A palavra útil, a palavra que cura, a palavra que salva é: Mudar!

É preciso mudar. É preciso uma sociedade diferente.

E, para tal, dizemos:

- dizemos não a um tipo de sociedade que se baseia na defesa do crescimento lucrativo em função de uma minoria
- dizemos não à sociedade de consumo que inspirada nos países ricos vai entrando nas nossas vidas
- dizemos não à manipulação dos nossos desejos
- dizemos não às falsas necessidades materiais que nos criam
- dizemos não àqueles que falam em crescimento dos povos usando o «ter» como chave da felicidade
- dizemos não àqueles que nos empenham apenas na luta pela segurança material, amordaçando em nós a vontade de discutir, de escolher que tipo de sociedade queremos
- dizemos não àqueles para quem o desenvolvimento se reduz a soluções técnicas
- dizemos não a falsos liberalismos e a estruturas democráticas formais, que falseiam o que é a verdadeira democracia

As mulheres que durante muito tempo foram votadas ao silêncio que nunca disseram o que queriam

que estão ligadas ao quotidiano e concreto das coisas que «se situam no coração da vida e a sua lingua-

gem diz como quem não quer a coisa, as necessidades essenciais das comunidades e dos povos»
(M. L. Pintasilgo)

que têm criatividade latente, um silêncio pleno de possibilidades, exigem:



- espaço para que o valor de cada um apareça, recusando a massificação
- espaço para o belo e para o transcendente nas nossas vidas
- redescobrir as necessidades essenciais
- eliminar o acessório e o supérfluo, não submetendo tudo ao económico
- reinventar o trabalho como lugar de criação, contra o trabalho estupidificante que é o que cabe à maior parte de nós
- denunciar horários infra-humanos e a falsidade dos que se cumprem pretensamente ao serviço do povo
- desmascarar a burocracia dos papéis, que em cada hora que passa emperam as coisas e desumanizam o homem
- acabar com a opressão das mulheres pelos homens
- estimular a iniciativa de base, multiplicando os lugares e centros de decisão
- dar ao conceito de política a sua verdadeira dimensão

Nós mulheres encontramos-nos em Maria de Lurdes Pintasilgo, no seu pensamento, na sua política, no espaço que a sua governação nos devolveu.

Todas as inquietações que aqui deixamos expressas, soube-as ela formular porque é mulher.

«Eu acho que a luta pela emancipação da mulher é uma luta específica, mas não julgo que ela se possa isolar das outras lutas na sociedade. Qualquer grupo oprimido só pode vencer a sua opressão se ligar as condições em que se encontra com a opressão global sentida na sociedade.» (M. L. Pintasilgo)

Ela

- *que deu um novo conteúdo à política*
- *que estimulou a democracia de base*
- *que deu prioridade aos mais desfavorecidos e aos que não têm voz indo por essas terras ouvi-los,*

NÃO DEIXEMOS QUE A SUA VOZ SE REDUZA AO SILÊNCIO.

EXIJAMOS QUE CONTINUE A GOVERNAR.

Neste momento, nós mulheres ao utilizarmos o nosso voto, sabemos que votar na Aliança Democrática é votar contra nós, é votar contra aquilo que aqui exprimimos, é votar contra os mais desfavorecidos, é votar contra o tipo de sociedade que quer os valores que propomos.

O nosso voto não é porém dar carta branca aos partidos da Esquerda, mas votar na Esquerda dá-nos mais possibilidades de lutar-mos por aquilo que queremos.

Um Grupo de Mulheres

Novembro de 1979

